

# Notas Sobre Literatura Leitura e Linguagens



Angela Maria Gomes  
(Organizadora)

 **Atena**  
Editora

Ano 2019

Angela Maria Gomes  
(Organizadora)

Notas sobre Literatura,  
Leitura e Linguagens

Atena Editora  
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Diagramação e Edição de Arte:** Geraldo Alves e Karine de Lima

**Revisão:** Os autores

### Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

N899 Notas sobre literatura, leitura e linguagens [recurso eletrônico] /  
Organizadora Angela Maria Gomes. – Ponta Grossa (PR): Atena  
Editora, 2019. – (Notas Sobre Literatura, Leitura e Linguagens;  
v.1)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-069-8

DOI 10.22533/at.ed.698192501

1. Leitura – Estudo e ensino. 2. Literatura – Estudo e ensino.  
3. Linguística. I. Gomes, Angela Maria.

CDD 372.4

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de  
responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos  
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

## APRESENTAÇÃO

Notas sobre Literatura, Leitura e Linguagens vem oportunizar reflexões sobre as temáticas que envolvem os estudos linguísticos e literários, nas abordagens que se relacionam de forma interdisciplinar nessas três áreas, na forma de ensino e dos seus desdobramentos.

Abordando desde criações literárias, contos, gêneros jornalísticos, propagandas políticas, até fabulas populares, os artigos levantam questões múltiplas que se entrelaçam no âmbito da pesquisa: Desde o ensino de leitura, de literatura em interface com outras linguagens e culturas que fazem parte do contexto nacional, como a indígena, a amazonense, a dos afros descendentes até vaqueiros mineiros considerados narradores quase extintos que compartilham experiências e memórias do ofício, as quais são transcritas. Temas como sustentabilidade, abordagens sobre o gênero feminino e as formas de presença do homem no contexto da linguagem também estão presentes.

Os artigos que compõem este volume centram seus estudos não apenas no texto verbal e escrito, mas nas múltiplas linguagens e mídias que configuram a produção de sentidos na contemporaneidade. A evolução da construção de novas composições literárias com uso de imagens, vídeos, sons e cores foi aqui também tema de pesquisas, assim como o uso das novas tecnologias como prática pedagógica, incluindo Facebook – mídia/rede virtual visual – e o WhatsApp - aplicativo para a troca de mensagens -. Falando em novas práticas, o estudo do modelo de sala invertida - Flipped Classroom - que propõe a inversão completa do modelo de ensino, igualmente foi aqui apresentado e estudado como proposta de prover aulas menos expositivas, mais produtivas e participativas.

A literatura é um oceano de obras-primas. Diante desse manancial de possibilidades, a apreciação e análises comparativas de grandes nomes apresentados aqui, incluindo William Shakespeare, Guimarães Rosa, Machado de Assis, João Ubaldo Ribeiro, Carlos Drummond de Andrade, Rubens Fonseca, Dias Gomes, entre outros, traz uma grande contribuição para se observar cada componente que as constitui. Desse modo, fica mais acessível a compreensão, interpretação e assimilação dos sentimentos e valores de uma obra, fazendo um entrelaçamento da leitura, literatura e estudos da linguagem.

Assim, esta coletânea objetiva contribuir para a reflexão conjunta e a conexão entre pesquisadores das áreas de Letras - Linguística e Literatura - e de suas interfaces, projetando novos caminhos para o desenvolvimento socioeducacional e científico.

Angela Maria Gomes

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
A ALTERNÂNCIA PRONOMINAL NA PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL /NÓS/ E /A GENTE/ NA FUNÇÃO DE SUJEITO	
Jocelia dos Santos Rodrigues Raquel Xavier Migueli	
DOI 10.22533/at.ed.6981925011	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>8</b>
A CREDIBILIDADE EM PROPAGANDAS POLÍTICAS: UMA ANÁLISE MULTIMODAL	
Lirane Rossi Martinez	
DOI 10.22533/at.ed.6981925012	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>24</b>
A EROTIZAÇÃO NA POÉTICA DE GILKA MACHADO: A CRÍTICA DE ONTEM <i>VERSUS</i> A CRÍTICA DE HOJE	
Neivana Rolim de Lima Cássia Maria Bezerra do Nascimento	
DOI 10.22533/at.ed.6981925013	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>34</b>
A ESCRITA DO ALUNO SURDO: INTERFACE ENTRE A LIBRAS E A LÍNGUA PORTUGUESA	
Maiara Scherer Machado da Rosa Andrea Bernal Mazacotte Kelly Priscila Lóddo Cezar	
DOI 10.22533/at.ed.6981925014	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>46</b>
A ESTRUTURA COMPOSICIONAL DAS SENTENÇAS JUDICIAIS DE PRONÚNCIA E CONDENATÓRIAS: PLANOS DE TEXTO E SEQUÊNCIAS TEXTUAIS	
Cláudia Cynara Costa de Souza Maria das Graças Soares Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.6981925015	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>59</b>
A INTERFACE ENTRE ORALIDADE E ESCRITA NO GÊNERO TEXTUAL TIRA EM QUADRINHOS	
Antonia Maria de Freitas Oliveira Francisca Fabiana da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.6981925016	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>70</b>
A LEITURA LITERÁRIA A PARTIR DE <i>DON QUIXOTE DE LA MANCHA</i>	
Maria Cristina Ferreira dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.6981925017	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>81</b>
A LEITURA LITERÁRIA COMO AUXÍLIO PEDAGÓGICO: O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM EM FOCO	
Marcus Vinicius Sousa Correia Emanoel Cesar Pires de Assis	
DOI 10.22533/at.ed.6981925018	

<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>89</b>
A LEITURA NA ALFABETIZAÇÃO: IMPLICAÇÕES PARA A FORMAÇÃO DO LEITOR	
Eliane Travensoli Parise Cruz Vera Lúcia Martiniak	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6981925019</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>105</b>
A MEDIAÇÃO DE LEITURA DE DONA BENTA EM <i>FÁBULAS</i> , DE MONTEIRO LOBATO	
Patrícia Aparecida Beraldo Romano	
<b>DOI 10.22533/at.ed.69819250110</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>116</b>
A NOÇÃO DE LIGAÇÃO NO <i>ATLAS DO CORPO E DA IMAGINAÇÃO</i> , DE GONÇALO M. TAVARES	
Alessandro Carvalho Sales	
<b>DOI 10.22533/at.ed.69819250111</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>124</b>
A Poesia Visual de Tchello d' Barros: uma proposta pedagógica	
Renata da Silva de Barcellos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.69819250112</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>141</b>
A REPRESENTAÇÃO DA MEMÓRIA DO TRAUMA EM <i>HÁ VINTE ANOS</i> , LUZ DE ELSA OSORIO: SOB O OLHAR DA PERSONAGEM LUZ	
Margareth Torres de Alencar Costa Naira Suzane Soares Almeida	
<b>DOI 10.22533/at.ed.69819250113</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>154</b>
A TRANSPOSIÇÃO DE ROMÉU E JULIETA PELA TURMA DA MÔNICA	
Tiago Marques Luiz	
<b>DOI 10.22533/at.ed.69819250114</b>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>165</b>
A ÚLTIMA CANÇÃO DE BILBO: UMA VIAGEM PELO VERBAL E NÃO-VERBAL NA TERRA MÉDIA	
Renata Andreolla	
<b>DOI 10.22533/at.ed.69819250115</b>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>179</b>
ANÁLISE DOS CONTOS <i>A OUTRA MARGEM DO RIO</i> , DE GUIMARÃES ROSA, <i>E NAS ÁGUAS DO TEMPO</i> , DE MIA COUTO	
Regina Costa Nunes Andrade	
<b>DOI 10.22533/at.ed.69819250116</b>	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>189</b>
AS FALAS, SONS E SILÊNCIO EM <i>VASTAFALA</i> DE ANTONIO BARRETO <sup>1</sup>	
Janusa Guimarães Gomez	
<b>DOI 10.22533/at.ed.69819250117</b>	

<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>203</b>
AS HQ'S NA ALFABETIZAÇÃO: QUAIS ESTRATÉGIAS AS CRIANÇAS UTILIZAM PARA ENTENDÊ-LA?	
<a href="#">Márcia Antônia Dias Catunda</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.69819250118</b>	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>212</b>
AS VOZES NARRATIVAS EM BUSCA DE SUAS RAÍZES	
<a href="#">Denise Moreira Santana</a>	
<a href="#">Wilton Barroso Filho</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.69819250119</b>	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>221</b>
AS "NARRATIVAS BREVES" DE MARINA COLASANTI E A FORMAÇÃO DE LEITORES: UMA PERSPECTIVA INTERTEXTUAL	
<a href="#">Valeria Cristina de Abreu Vale Caetano</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.69819250120</b>	
<b>CAPÍTULO 21</b> .....	<b>229</b>
CONTAR E ENCONTRAR: A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DO CONTADOR DE HISTÓRIAS	
<a href="#">Eliandra Cardoso dos Santos Vendrame</a>	
<a href="#">Ercília Maria Angeli Teixeira de Paula</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.69819250121</b>	
<b>CAPÍTULO 22</b> .....	<b>240</b>
DE ISAURA PIANISTA AO HIP-HOP COMO PRODUÇÃO CULTURAL DA DIÁSPORA NEGRA: PROCESSOS DE COLONIALIDADE X DESCOLONIALIDADE	
<a href="#">Osalda Maria Pessoa</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.69819250122</b>	
<b>SOBRE A ORGANIZADORA</b> .....	<b>254</b>

## ANÁLISE DOS CONTOS *A OUTRA MARGEM DO RIO*, DE GUIMARÃES ROSA, *E NAS ÁGUAS DO TEMPO*, DE MIA COUTO

**Regina Costa Nunes Andrade**

Universidade Federal de Viçosa, Departamento  
de Letras e Artes  
Viçosa – Minas Gerais

**RESUMO:** Nossa proposta de trabalho é estabelecer uma análise comparativista entre o conto *A terceira margem do rio*, do escritor brasileiro Guimarães Rosa, e *Nas águas do tempo*, do escritor moçambicano Mia Couto. Em ambos os contos as personagens não são nominadas, sendo o conto de Rosa composto pelo pai, mãe, irmã, irmão e o narrador-personagem; já o de Couto é composto pelo avô, neto e a mãe. Os contextos de produção literária de Guimarães Rosa e Mia Couto são muito diferentes, sendo que Couto toma “emprestado” a possibilidade de (re)criação da língua pela veia poética em prosa, já que, após a independência a República Moçambicana adota a Língua Portuguesa como idioma oficial. Assim, os neologismos e inserções de palavras em banto são tentativas de apropriar-se da língua do ex-colonizador e torná-la sua, com cores e nuances próprias, desde a construção do enredo à temática. O conto miacoutiano, assim como o de Rosa, traz a temática da existência, ser e pertencer, mas aborda também a problemática da conciliação entre o velho e o novo, o antigo e o moderno, em um

território/país que ainda está se formando, se constituindo. O sertão e a savana possuem muitas semelhanças, especialmente nas distâncias, no tempo e na água como espaços em que o sagrado se manifesta, como vemos em ambos os contos. Nessa perspectiva, utilizamos os conceitos de intertextualidade e influência, de Julia Kristeva e Harold Bloom, respectivamente, aliando pressupostos teóricos de Tania Franco Carvalhal, Sandra Nitri, dentre outros.

**PALAVRAS-CHAVE:** Influência; intertextualidade; poeticidade.

**ABSTRACT:** Our work proposal is to establish a comparative analysis between the tales *Third Bank of the River*, by the Brazilian writer Guimarães Rosa, and *The Waters of Time*, by the Mozambican Mia Couto. In both, the characters aren't nominated, being the tale of Rosa composed by the father, mother, sister, brother and the narrator-character; already, the one of Couto is composed by the grandfather, grandson and mother. The contexts of literary production of Guimarães Rosa and Mia Couto are very different, and Couto borrows a possibility of to (re)create the language by the poetic vein in prose, since after independence the Mozambican republic adopts the Portuguese Language as a language official. Thus, the neologisms and insertions of words in Bantu



are attempts to appropriate the language of the former colonizer and become his own, with their own colors and nuances, from the construction of the plot to the theme. The Miacoutian tale, like that of Rosa, brings the thematic of existence, being and belong, but also approach the conciliation problem between old and new, the old and the modern, in a country that is still forming, constituting. The backwoods and the savannah have many similarities, especially in distances, in time and in water as spaces in which the sacred manifests, as we see in both story. In this perspective, we uses the concepts of intertextuality and influence, of Julia Kristeva and Harold Bloom, respectively, combining the theoretical assumptions of Tânia Franco Carvalhal, Sandra Nitrini, among others.

**KEYWORDS:** influence, intertextuality, poeticity

## 1 | INTRODUÇÃO

*A importância do escritor poder não ser escritor: É preciso estar livre para mergulhar no lado da não-escrita, é preciso capturar a lógica da oralidade, é preciso escapar da racionalidade dos códigos da escrita enquanto sistema de pensamento. Esse é o desafio de desequilibrista — ter um pé em cada um dos mundos: o da escrita e o da oralidade. Não se trata de visitar o mundo da oralidade. Trata-se de deixar-se invadir e dissolver pelo universo das falas, das lendas, dos provérbios.*

Mia Couto

Iniciamos nosso trabalho com um trecho da fala de Mia Couto para a plateia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), em 2007, na qual explanou acerca da produção e do fazer literário de Guimarães Rosa, escritor brasileiro que, indubitavelmente, inspira o projeto literário miacoutiano. Essa influência se dá de maneira tão aberta que vários estudiosos têm trabalhado, dentro do campo da Literatura Comparada, com obras desses dois escritores, sobretudo seus contos.

Em várias de suas entrevistas, Mia Couto tem admitido ser o projeto artístico de Rosa seu expoente estético e poético. Nesse momento, surge a nossa indagação de até que ponto vai o limite da influência Roseana nas produções do escritor moçambicano. Contudo, ao abordar o viés comparativista entre esses dois autores, nos é importante salientar que o projeto estético de uma literatura que almeja representar e (re)criar a linguagem de seu país, foi, primeiramente, apresentado a Couto por meio das obras de Luandino Vieira, que, por sua vez, havia tido contato com obras roseanas.

O escritor moçambicano diz que sua primeira leitura de um texto roseano foi durante o período pós-independência de seu país, em que se encantou por *A terceira margem do rio*, que faz parte do livro de contos *Primeiras Estórias*. Anos depois, em sua coletânea de contos intitulada *Estórias Abensonhadas*, Mia Couto abre o livro com *Nas águas do tempo*, o qual possui ligação intrínseca como releitura do conto de Rosa. Desde o título do livro há a presença de Guimarães Rosa, uma vez que ao utilizar a palavra “estórias”, grafada com a letra “e”, denota tom conotativo, recurso

linguístico apresentado aos escritores africanos em língua portuguesa por meio das obras de Guimarães Rosa. A respeito desse diálogo entre as produções desses dois escritores, salientamos que:

Estudando as relações entre diferentes literaturas nacionais, autores e obras, a literatura comparada não só admite, mas comprova que a literatura se produz num constante diálogo de textos, por retomadas, empréstimos e trocas. A literatura nasce da literatura; cada obra nova é uma continuação, por consentimento ou contestação, das obras anteriores, dos gêneros e temas já existentes. Escrever é, pois, dialogar com a literatura anterior e com a contemporânea (PERRONE-MOISÉS, 1990, p. 94).

Claro que essa busca pela literatura brasileira como referencial, especialmente a do movimento modernista e as produções da década de 30 do século XX, tem sua parcela histórica, já que o Brasil passou a ser visto pelos escritores moçambicanos como alternativa a Portugal, o que remete à contraposição ao lusofonismo.

Nossa proposta de trabalho é estabelecer uma análise comparativista entre o conto *A terceira margem do rio*, de Guimarães Rosa, e *Nas águas do tempo*, de Mia Couto. Em ambos os contos as personagens não são nominadas, sendo o conto de Rosa composto pelo pai, mãe, irmã, irmão e o narrador-personagem; já o de Mia Couto, narrado em terceira pessoa, tem como personagens o avô, o neto e a mãe. Existem outros personagens, porém são apenas mencionados pelos narradores, sem perspectiva no desenvolvimento do enredo.

Em *A terceira margem do rio* temos um narrador em primeira pessoa, que conta a “estória” de seu pai, por meio das reminiscências da infância até sua presente velhice. O pai fora um homem que se esquivava de toda e qualquer convivência com a família e com a sociedade, permanecendo em completa solidão no rio, em uma canoa muito pequena, fabricada especialmente para esta viagem a lugar nenhum, passando a viver “rio abaixo, rio a fora, rio a dentro”.

O narrador, ainda menino, se compadece do pai e passa a furtar comida para ele, ao que a mãe “só se encobrendo de não saber. Ela mesma deixava, facilitado, sobra de coisas, para o meu conseguir”, como nos relata o narrador. Os anos passam, a irmã casa-se, tem filho e passar morar na cidade, ao que posteriormente a mãe vai morar com ela. O irmão segue com a vida, indo embora. Permanece apenas o narrador-personagem, que se sente ligado ao pai. Após surgirem os cabelos brancos e sentir o peso da velhice, decide assumir o lugar do pai na canoa, mas ao ver pela primeira vez, em tantos anos, o pai esboçar reação em aceitação da proposta, o filho foge por temeridade do desconhecido. Em seu leito de velhice relata esses pensamentos, indagando se realmente é “homem, depois desse falimento”.

No conto de Mia Couto, *Nas águas do tempo*, o narrador também relata um acontecimento de sua infância, mas nos conta ainda enquanto criança uma experiência que passou com seu avô. Furtivamente o avô levava o neto ao lago, sem o consentimento da mãe do menino. Esse lago é o espaço do mítico e maravilhoso, sendo que de uma de suas canas surgiu o primeiro homem.

Esses passeios nada tinham a ver com pescaria, pois o avô se levantava no concho e começava a acenar com seu pano vermelho para a outra margem, o neto não entendia muito bem aquela atitude. Em um desses passeios o menino resolve sair do barco, mas não alcança o fundo do lago, passando a ser puxado por um estranho redemoinho. Ao tentar socorrer o neto, o barco acaba por virar, ao que o avô orienta que ambos acenem. Assim, para o espanto do neto, o redemoinho some e eles se veem a salvo. Noutro momento, o avô novamente leva o menino ao lago, mas para o espanto do narrador, seu avô salta do barco e caminha para onde apontava e dizia ver os acenos com panos, ao que, pela primeira vez, o neto vê o pano branco e também o pano vermelho do avô embranquecer “em desmaio de cor”.

Após esse breve resumo dos contos, partiremos para análise, na qual abordaremos os conceitos de influência e intertextualidade, de Harold Bloom e Julia Kristeva, respectivamente, aliando aos estudos teóricos de Sandra Nitrini e Tania Franco Carvalhal, dentre outros. Conforme salienta Nitrini (1997, p. 164) “a análise de uma obra literária buscará inicialmente avaliar as semelhanças que persistem entre o enunciado transformador e o seu lugar de origem e, em segundo lugar, ver de que modo o intertexto absorveu o material do qual se apropriou”. Além de que “a intertextualidade e influência constituem conceitos que funcionam bem operacionalmente para se lidar com manifestações explícitas” (*idem*, p. 167), como ocorre em nossos objetos de análise.

## 2 | INFLUÊNCIA, INTERTEXTUALIDADE E APROPRIAÇÃO: O DILEMA NADA PROSA POÉTICA

É preciso chegar à ideia viva do que é o conto, e isso é sempre difícil na medida em que as ideias tendem ao abstrato, a desvitalizar seu conteúdo, ao passo que a vida rejeita angustiada o laço que a conceituação quer lhe colocar para fixá-la e categorizá-la. Mas, se não possuímos uma ideia viva do que é o conto, teremos perdido nosso tempo, pois um conto, em última instância, se desloca no plano humano em que a vida e a expressão escrita dessa vida travam uma batalha fraternal, se me permitem o termo; e o resultado desta batalha é o próprio conto, uma síntese viva e ao mesmo tempo uma vida sintetizada, algo como o tremor de água dentro de um cristal, a fugacidade numa permanência. (CORTÁZAR, 1974, p. 147)

Sabemos que os contextos de produção literária de Guimarães Rosa e Mia Couto são muito diferentes. Couto toma “emprestado” a possibilidade de (re)criação da língua pela poética em prosa, pois, após sua independência, a República Moçambicana adota a Língua Portuguesa como idioma oficial. Desse modo, os neologismos e inserções de palavras em banto são tentativas de apropriar-se da língua do ex-colonizador e torná-la sua, com cores e nuances próprias, desde a construção do enredo a temática.

Isso fica evidente no prólogo de *Estórias Abensonhadas*, onde Mia Couto escreveu:

Estas estórias foram escritas depois da guerra. Por incontáveis anos as armas tinham vertido luto no chão de Moçambique. Estes textos me surgiram entre as margens da mágoa e da esperança. Depois da guerra, pensava eu, restavam apenas cinzas, destroços sem íntimo. Tudo pesando, definitivo e sem reparo. Hoje sei que não é verdade. Onde restou o homem sobreviveu semente, sonho a engravidar o tempo. Esse sonho se ocultou no mais inacessível de nós, lá onde a violência não podia golpear, lá onde a barbárie não tinha acesso. Em todo este tempo, a terra guardou, inteiras, as suas vozes. Quando se lhes impôs o silêncio elas mudaram de mundo. No escuro permaneceram lunares. Estas estórias falam desse território onde nós vamos refazendo e vamos molhando de esperança o rosto da chuva, água abensonhada. Desse território onde todo homem é igual, assim: fingindo que está, sonhando que vai, inventando que volta (COUTO, 1996, p. 07).

Portanto, o elo produzido pelos trabalhos envolvendo esses dois escritores pode vir a ampliar o campo receptivo das obras de ambos, sendo instrumento de contato dos leitores moçambicanos com a literatura brasileira, e de leitores brasileiros com a literatura moçambicana. Mesmo os contextos sendo diferentes, o universo literário acaba por reforçar esse elo. Tanto que Carmen Lucia Tindó Secco, ao comparar Guimarães Rosa (Brasil), Luandino Vieira (Angola) e Mia Couto (Moçambique), afirma que:

Embora se inscrevam na esfera transgressiva da ficção contemporânea, não rompem com a tradição oral, trabalhando com a memória viva e com o imaginário mítico popular. Os três autores captam aspectos de suas realidades regionais: Guimarães focaliza o sertão de Minas, repleto de jagunços, de lendas e leis próprias; Luandino ficcionaliza a vida nos musseques luandenses, onde o português, mesclando-se ao quimbundo (uma das principais línguas nativas de Angola), se encontra africanizado; Mia Couto, por sua vez, traz para sua prosa os sonhos e as superstições do povo moçambicano, anestesiado pelos anos de guerra e violência (SECCO, 2008, p.61).

Assim, temos que a linguagem poética, os neologismos, a mescla de erudição, informalidade e ditados populares locais geram representações da língua e das sociedades marcadas pelas visões de mundo divergentes que se relacionam – urbano x rural, velho x novo, adulto x criança, rico x pobre, etc. – mas que, mesmo com décadas de diferenças, são da natureza humana. Fato esse que nos remete à Tania F. Carvalho (1992, p. 63) quando diz que:

A noção de originalidade, vista como sinônimo de “geração espontânea”, criação desligada de qualquer vínculo com obras anteriores, cai por terra. (...)Essa capacidade de inverter o estabelecido, de instigar uma releitura, se dá graças à interação dialética e permanente que o presente mantém com o passado, renovando-o (CARVALHAL, 1992, p. 63).

**E ao que nos traz Harold Bloom em *A angústia da influência*:**

Mas a influência poética não precisa tornar os poetas menos originais; com a mesma frequência os torna mais originais, embora não por isso necessariamente melhores. Não se pode reduzir as profundezas da influência poética a um estudo de fonte, à história das ideias, ao modelamento de imagens (BLOOM, 2002, p. 57).

De acordo com Sandra Nitrini (1997), a influência, como a que percebemos sofrida por Couto, não minimiza sua originalidade, no sentido de novidade (p. 134).

Pois essa originalidade literária nada mais é que o “gênio criador que levou um escritor a escolher um assunto, modificar uma técnica, etc., nas suas relações complicadas e variáveis com a tradição, com as influências específicas que agiram sobre ele” (p. 141). Concordamos com Nitrini, uma vez que se “entregar” pura e simplesmente à influência não gera um bom texto, logo esse “gênio criativo” não está passível de permanecer em segundo plano, como pode vir a acontecer caso uma leitura comparativa se limite apenas a um estudo de fonte e aos aspectos das semelhanças.

Compreendemos que o diálogo entre textos é próprio da linguagem poética, ainda mais que “toda sequência está duplamente orientada: para o ato da reminiscência (evocação de uma outra escrita) e para o ato de somação (a transformação dessa escritura)” (NITRINI, 1997, p. 162). Essa somação seria, segundo definição do dicionário Aurélio, “variação morfológica não hereditária”, de origem grega, que quer dizer corpo. Como explicamos na introdução, Mia Couto fez essa somação desde o título da coletânea, no conto de abertura, *Nas águas do tempo*, e ao longo de sua produção em prosa, deixando expressa a presença roseana, cabendo ao leitor identificar esses elementos.

Em *O sertão brasileiro na savana moçambicana*, Mia Couto expõe a importância da oralidade como forma de (re)inventar os códigos de escrita que se impõem ao pensamento. Tendo Rosa como poeta em prosa, relata que:

(...) Mais que a invenção de palavras, o que me tocou foi a emergência de uma poesia que me fazia sair do mundo, que me fazia inexistir. Aquela era uma linguagem em estado de transe, que entrava em transe como os médiuns das cerimônias mágicas e religiosas. Havia como que uma embriaguez profunda que autorizava a que outras linguagens tomassem posse daquela linguagem. Exatamente como o dançarino da minha terra que não se limita a dançar. Ele prepara a possessão pelos espíritos. O dançarino só dança para criar o momento divino em que ele emigra do seu próprio corpo. Para se chegar àquela relação com a escrita é preciso ser-se escritor. Contudo, é essencial, ao mesmo tempo, ser-se um não escritor, mergulhar no lado da oralidade e escapar da racionalidade dos códigos da escrita enquanto sistema único de pensamento. Esse é o desafio de desequilibrista – ter um pé em cada um dos mundos: o do texto e o do verbo. Não se trata apenas de visitar o mundo da oralidade. É preciso deixar-se invadir e dissolver pelo universo das falas, das lendas, dos provérbios (COUTO, 2005, p.107).

Neste ponto retornamos ao questionamento sobre o limite dessa influência. Na perspectiva de Julia Kristeva (1974, p. 64), “todo texto se constrói como mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de um outro texto. Em lugar da noção de intersubjetividade, instala-se a de *intertextualidade*”. Esse mosaico é recorrente em *Nas águas do tempo*, ficando, em nossa leitura, a principal diferença, a novidade, como trazida por Sandra Nitrini, na temática do conto.

O conto miacoutiano, assim como o de Rosa, traz a temática da existência, ser e pertencer, mas aborda também a problemática da conciliação entre o velho e o novo, o antigo e o moderno, em um território/país que ainda está se formando, se constituindo. O sertão e a savana possuem muitas semelhanças, especialmente nas distâncias, no tempo e na água como espaços em que o sagrado se manifesta, como vemos

em ambos os contos. No entanto, cabe destacar que esse processo não gera, como alguns levam a crer, um esvaziamento literário do conto de Mia Couto, afinal isso seria restringir o trabalho comparativo ao mero conceito de fonte e desprezar o processo transculturador sofrido por Brasil e Moçambique e que está presente nos textos de ambos os escritores. Desse modo:

Ao contrariar uma certa ideia de modernização, Rosa acabou criando os pilares de uma outra modernidade estilística no Brasil. Ele fez isso numa altura em que a literatura brasileira estava prisioneira de modelos provincianos, demasiado próxima do padrão de literatura portuguesa, espanhola e francesa. De uma similar prisão ansiávamos, também nós, por nos libertar. O que Rosa instaura é o narrador como mediador de mundos. Riobaldo é uma espécie de contrabandista entre a cultura urbana e letrada e a cultura sertaneja e oral. Esse é o desafio que enfrenta não apenas o Brasil, mas também Moçambique. Mais que um ponto de charneira necessita-se hoje de um médium, alguém que usa poderes que não provêm da ciência nem da técnica para colocar esses universos em conexão. Necessita-se da ligação com aquilo que João Guimarães Rosa chama de “os do lado de lá”. Esse lado está dentro de cada um de nós. Esse lado de lá é, numa palavra, a oralidade. (...)

Através de uma linguagem reinventada com a participação dos componentes culturais africanos também nós em Angola e Moçambique procurávamos uma arte em que os excluídos pudessem participar da invenção da sua História. (COUTO, 2007, pp. 102-104).

**A antropofagia oswaldiana, como nos traz Perrone-Moisés, justifica muito bem a proposta de apropriação literária empreendida pelos escritores moçambicanos, pois:**

A antropofagia oswaldiana nos permite superar essa “ansiedade”, acabar com todo complexo de inferioridade por ter vindo depois, resolver os problemas da má consciência patriótica que nos levam a oscilar entre a admiração beata da cultura europeia e as reivindicações estreitas e xenófobas pelo “autenticamente nacional”. (...) Já a Antropofagia nos salvam desses enganos e dessa má consciência, por assumir alegremente a escolha e a transformação do velho em novo, do alheio em próprio, do *déjà vu* em original. Por reconhecer que a originalidade nunca é uma questão de arranjo novo (PERRO-MOISÉS, 1990, p. 98-99).

Realmente esse *déjà vu* é perceptível aos leitores brasileiros, que notam as constantes referências ao conto de Guimarães Rosa, que vão além dos recursos de linguagem e poeticidade, como, por exemplo, no cenário (rio/lago), os instrumentos (canoa/concho), no fato dos protagonistas narrarem, em primeira pessoa, experiências vividas da infância, as mães que se demonstram contrárias aos intentos dos homens (pai/avô), o aceno com panos brancos, etc. Mas Mia Couto apropria-se, devorando a técnica de roseana, para dar uma voz totalmente sua a uma outra realidade histórica, social e literária.

Além disso, o ponto de vista dos autores sobre os recursos utilizados na construção de suas escrituras, detêm alguma divergência, pois, enquanto Rosa se vale da tradição oral como algo evanescente e tenta demonstrar o imbricamento desses valores como os valores da modernidade, Mia vê essa tradição como algo que faz parte do presente, embora fragmentada e já imbricada a outras culturas, no entanto, não deixa de ressaltar que o seu povo vive com ela – a tradição – e com outros valores, simultaneamente (CHAGAS, 2006, p. 37).

Consequentemente, “um elemento, retirado de seu contexto original para integrar outro contexto, já não pode ser considerado idêntico” (CARVALHAL, 1992, p. 47). Então, como considerar que houve um “esvaziamento do recurso” poético por parte de Couto, restringindo-o a apropriador imprudente? Pois, como observa Carvalhal, a análise “comparativista não se ocuparia a constatar que um texto resgata outro texto anterior (...), mas examinaria essas formas, caracterizando os procedimentos efetuados” (*idem*, p. 51-52).

Ao nosso ver, Couto traz a carga semântica do conto de Guimarães Rosa, por meio da anamnésia, conforme apresentado por Nitrini (1997, p. 164), as referências textuais propiciam duas leituras: uma “encarando-a como um fragmento qualquer que faz parte da sintagmática do texto”, ou a que nos é oportuna, já que volta ao “texto de origem, operando uma espécie de anamnésia, isto é, uma invocação voluntária do passado”, ampliando o “espaço semântico” do texto, pois lhe conferindo uma nova carga e mantém as vozes do texto anterior.

Diante do já exposto, o que vemos em *Nas águas do tempo* é a superação da angústia, nos termos de Harold Bloom, pois “a posição do poeta, sua Palavra, sua identidade imaginativa, todo o seu *ser*, têm de ser únicos dele, e permanecer únicos, ou ele perecerá” (BLOOM, 2002, p. 119).

Outra leitura possível entre os contos é o de *prequel*, termo muito utilizado pelo cinema, que aportuguesado encontramos como “prequela”. Uma prequela refere-se a uma obra artística que contém os mesmos elementos ficcionais de uma obra prévia, a qual, mesmo sendo publicada posteriormente, traz elementos e explicações da obra anterior. Assim, poderíamos inferir que nesse diálogo entre passado e presente, tradicional e moderno, o neto que aprende com o avô o calar-se por saber e conversar sem nada falar poderia vir a ser o pai quieto e ensimesmado do conto roseano.

Portanto, *Nas águas do tempo* seria lido como uma prequela de *A terceira margem do rio*, onde o pai seria o neto já adulto e está tentando se comunicar com os do “lado de lá”, a manter vínculo com o avô e os espíritos do passado, representantes da tradição. Afinal, como o próprio neto afirma no conto coutiano, mente que entende os propósitos do avô, mas ao final avista os panos, podendo ter sofrido com a inquietação do não entendimento, tal qual aflição sofrida pelo filho no conto de Rosa. A criança seria esse personagem chave, o elo ligação, já que o avô, mesmo adulto, “era um homem em flagrante infância”.

Mia Couto reinventa o conto de Guimarães Rosa, apropriando-se de sua temática existencialista e prosa poética para dar uma nuance própria, inserindo seu conto – e demais obras – na realidade moçambicana e em seu universo cultural. Afinal:

Toda repetição está carregada de uma intencionalidade certa: quer dar continuidade ou quer modificar, quer subverter, enfim, quer atuar com relação ao texto antecessor. A verdade é que a repetição, quando acontece, sacode a poeira do texto anterior, atualiza-o, renova-o e (por que não dizê-lo) o re-inventa. (CARVALHAL, 1992, p. 53).

Essa é uma leitura muito particular, mas uma análise comparativista deve “explorar criticamente os dois textos, ver como eles se misturam e, a partir daí, como, repetindo-o, o segundo texto ‘inventa’ o primeiro. Dessa forma ele o redescobre, dando-lhe outros significados já não possíveis nele mesmo (CARVALHAL, 1992, p. 58).

### 3 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

De fato *A terceira margem do rio* encontra-se reelaborado pelas mãos de Mia Couto em *Nas águas do tempo*, ao passo que ao analisar as influências presentes na obra de um autor, tal qual o fizemos, “é certamente enfatizar antecedentes criativos da obra de arte e considerá-la um produto humano, não um objeto vazio” (NITRINI, 1997, p. 130). Além disso, um escritor é, antes de tudo, um leitor e, conseqüentemente, o sentido da obra vai-se construindo a medida que quem o produz torna-se, no decorrer do processo de escrita, seu próprio receptor, revigorando e ampliando o horizonte de expectativas e capacidade significativa.

Como Tania F. Carvalhal (1992, p. 53) expõe o “diálogo” entre dois textos é um espaço conflituoso, sendo o estudo comparativo sistemático que estabelece uma leitura intertextual e a análise dos elementos extratextuais. Afinal, como traz Sandra Nitri, ao discorrer sobre o conceito de influência na perspectiva de Paul Valéry, “os problemas de empréstimos, considerados, até então, por um grande número de estudiosos, dependência de autor em relação a outro, não aparecem mais como uma imitação, mas, ao contrário, como fonte de originalidade, isto é, como a intrusão do novo na criação”.

Assim, uma análise por meio dos estudos de literatura comparada deve ir além do óbvio e ultrapassar o simplismo de estudo de fonte. Vozes ecoam ao longo das narrativas, não apenas nos textos de Guimarães Rosa e Mia Couto, pois, como vimos, esse *déjà vu* é próprio da criação humana e da linguagem poética. Isso está em consonância com a impressão/sensação de contação de história, de oralidade presente nas obras desses dois escritores.

Nas palavras de Mia Couto: “quando o li pela primeira vez experimentei uma sensação que já tinha sentido quando escutava os contadores de histórias da infância. Perante o texto, eu não lia simplesmente: eu ouvia vozes da infância” (COUTO, 2007, p. 107). São essas vozes de infância que nos acompanham, como se o texto estivesse lendo a nós, o que geram a identificação e empatia por parte do leitor. Afinal, como expôs Harold Bloom, o poeta forte é quem cria seus precursores.

### REFERÊNCIAS

BLOOM, Harold. *A angústia da influência: uma teoria da poesia*. 2 ed. Trad.: Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Imago, 2002.



CARVALHAL, Tania Franco. *Literatura Comparada*. São Paulo: Ática, 1992.

CHAGAS, Sylvania Nubia. *Nas fronteiras da memória: Guimarães Rosa e Mia Couto, olhares que se cruzam*. 2006. 161f. Tese (Dourado em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo. USP, São Paulo.

CORTÁZAR, J. “Alguns aspectos do conto”. In: *Valise de Cronópio*. São Paulo: Perspectiva, 1974.

COUTO, Mia. “Nas águas do tempo”. In: *Estórias abensonhadas*. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.

\_\_\_\_\_. “Encontros e encantos – Guimarães Rosa”. In: *E se Obama fosse africano? E outras intervenções*. *Ensaios*. São Paulo: Companhia da Letras, 2009.

\_\_\_\_\_. “O sertão brasileiro na savana moçambicana”. In: *Pensatempos. Textos de opinião*. Maputo: Ndjira, 2005.

KRISTEVA, Julia. “A palavra, o diálogo e o romance”. In: *Introdução à Semanálise*. São Paulo: Perspectiva, 1974.

NITRINI, Sandra. “Conceitos fundamentais”. In: *Literatura Comparada: história, teoria e crítica*. São Paulo: Editora da USP, 1997.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. “Literatura comparada, intertexto e antropofagia”. In: *Flores da escrivantina: ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

ROSA, Guimarães. “A terceira margem do rio”. In: *Primeiras estórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

SECCO, Carmen Lucia Tindó. “Luandino Vieira e Mia Couto: intertextualidades”. In: *A magia das letras africanas: ensaios sobre as literaturas de Angola e Moçambique e outros diálogos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Quartet, 2008.

<http://www.companhiadasletras.com.br/autor.php?codigo=02354>

[www.mundofabuloso.blogspot.com.br](http://www.mundofabuloso.blogspot.com.br)

<http://dictionary.reference.com/browse/prequel>

<http://www.circulosdeleitura.org.br/site/2012/11/21/a-terceira-margem-do-rio-nas-aguas-do-tempo/>

[http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrada/32996-novo-livro-de-mia-couto-peca-ao-se-basear-em-influencias.shtml#\\_=\\_](http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrada/32996-novo-livro-de-mia-couto-peca-ao-se-basear-em-influencias.shtml#_=_)

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-069-8

